

A DEMOCRACIA

PERIODICO POLITICO, LITTERARIO E SCIENTIFICO



REDACCAO
32 Rua Gonçalves Dias 32

RIO DE JANEIRO, 11 DE ABRIL DE 1887

ADMINISTRAÇÃO
32 Rua Gonçalves Dias 32

ANNO II

Publica-se tres vezes por mês

N. 23

EXPEDIENTE

Semestre	3,000
Anno.	6,000

Os nossos assignantes que até o dia 30 do corrente tiverem pago o semestre que se finda em 30 de Junho receberão, como brinde, um exemplar da inspiada conferencia, feita em Campinas, em 13 de Março, pelo nosso ilustrado co-religionario Dr. Ubaldino do Amaral.

Rio, 11 de Abril de 1887.

CHRONICA POLITICA

Os tempos correm pacíficos. Entretanto, nada mais azaroso e crítico do que esta quadra.

E verdade que não temos grandes acontecimentos a perturbar o curso da política, nem estrondosas revelações que façam estremecer os espíritos somnolentos d'esta terra.

Nota-se somente um ponto negro no horizonte, prenuncio infallível de tempestade. Em breve toldar-se-hão os ares e se ouvirão os pios agoureiros que repercutem tão sinistramente no fragor da borrasca!

Todos os phenomenos da vida têm identico evoluir de acidentes. Depois de agudissimamente em que o mal se manifesta e firma raizes, subentra um estado de torpore e de descanço relativo. E' o periodo comatoso que precede os espasmos da agonia.

Ninguem folla de politica, nem transpira signal de sua virtualidade. Não existiria, se não presenciassemos o mastigar dos convivas à mesa do orçamento.

Mas a nuvem ameaçadora cresce, ensombra o céu e não desaparecerá senão depois de medonha descarga. Nós estaremos de mãos postas evocando um Santelmo: os elementos convulsos abafarão os accentes e levarão por diante a ruina e a destruição!

O homem não dura... Força é cogitarmos nos meios de substitui-lo... Renovaremos as farças de 22 e 31?... Aceitaremos uma tripla outhorga de direitos?... A um Baixo-Imperio só corresponde o desmembramento, como à podridão a volatilidade dos gases...

Se a lei a que havemos de obedecer é da decomposição, seja-nos licito carpir a nossa sorte e aventar alguns juizos acerca das futuras organizações em que nos possamos concretizar.

A presumpçosa autoridade de nossos maiores estatuiu que a direcção do Estado transmitir-se-ia em linha recta, «segundo a ordem regular de primogenitura» (art. 117 da Con.); impondo assim um jugo tyrannico e irracional, sem attender aos progressos da época, nem à volição d'aquelles sobre quem viesse a pesar aquella disposição.

A consequencia de semelhante lei, arbitria e absurda, seria subjetar-nos *in limine* ás extravagancias do acaso, d'onde effectivamente surge legalmente empurrada uma her-

deira a qual tem, quando muito, capacidade para varrer edora de capellas, artistas e cultora de piano, dilettante e exímia em floriture musicas, mas de nenhum senso na governação de um Estado assoberbado por violenta crise social e económica.

Dado que realmente se verifiquem os nossos preságios, a situação de agora continuará inalterada: sempre os mesmos individuos a affrontarem a animadversão publica; sempre os mesmos abusos, as mesmas tramas em que se emmaranhá e se esvae a actividade de tantos homens sem o minimo proveito para a patria.

Tambem para o caso, é indiferente que reine dom Pedro III, filho da princesa Isabel, ou o outro homonymo procedente do duque de Saxe.

Qualquer d'elles seria posto debaixo de tutela, ató inaugurar-se uma nova edição do «querido j». *

O que causa pasmo é ouvir-se a cada passo a confissão da nossa incapacidade para regernos por leis adiantadas e por uma forma de governo livre!

Francamente, duvidaríamos d'Providencia Divina, da existencia de um Ser Supremo, de nossa propria racionalidade, se para o goso da liberdade fosse imprescindivel passar pelo despotismo, sofrer a escravidão, mergulhar no vicio, corromper previamente o carácter e aniquilar d'antemão a dignidade!

Não; o povo brasileiro já presentiu a approximação da grande catastrofe.

A questão não é de maior ou menor aptidão ou capacidade politica.

Espera-se unicamente a occasião de fazer explodir a colera concentrada. A coragem de reagir virá desde o dia que os descontentes perceberem o enorme contingente em que se desdobram.

Iniciada a luta, prevalecerão os elementos que têm por si não só a força bruta como a sanção e o aplauso do seculo. Plebeus contra patricios. Cesar esmaga Pompeu.

Para tanto não carece o povo preparar-se, manobrar, urdir planos e ciladas. Ele é igual criança inofensiva e descuidosa, ao proprio tempo que cresce, gigante, enfurece-se e desfera golpes possantes contra os quaes a resistencia é loucura.

O ponto está em que elle sinta os primeiros chamuscos e se exalte com o jorro das primeiras gotas de sangue. As consequencias não serão sómente graves, mas luctuosas e irremediaveis.

Dias amargos estão-nos reservados e muito teremos consigo se, para evitar a anarchia e o saque, tivermos arvorado o pavilhão que congregue em seu redor os esforçados batalhadores de agora, chamados a dirigir e secundar a nova cruzada que infallivelmente e para honra nossa se ha de iniciar.

O nosso congraçamento e consequente união, eis a maxima necessidade da presente situação.

Deixar de promover tão urgente commetimento é igualar-nos à condição d'esses infelizes, cuja sorte se procura alliviar independentemente de sua acção, coitados! tão abjectos e embrutecidos!

Não faltará quem olhe para estas conjecturas e aprehensões com desdém, considerando-as puro sonho e devaneio.

Na verdade, se elles falharem, firmar-se-há o conceito que vivemos no melhor dos mundos e que o perigo de cahirmos no abysso só existe nas cabeças aterrorisadas e em deplorável desequilibrio.

Quizeramos enganar-nos a ter de provar a evidencia e realidade do que vaticinamos.

E talvez que a nossa argumentação seja simples efecto de illusão optica, ou de mentalidade desarranjada!

De facto: que outra voz ousa, n'esta capital, interromper os canticos e hymnos de graça pelo restabelecimento d'aquelle a quem nós votamos ás sombras do Styge? Quem mais ha que grite alerta e toque a rebate, divisando inimigos em toda parte e fomentando sustos imaginarios?

Forçosamente, somos nós os illudidos, os visionários, os nihilistas, os desordeiros, os sacrificadores da paz; conspiradores malvados e sem consciencia, para os quaes todo o desprezo e rigor de castigo é pouco.

Só assim se explica o silencio e a indiferença de todos durante d'estas manifestações que levam-se á conta de doestos impotentes e indignos de merecer atenção.

Sinceramente, nós cremos que sonhamos.

OS HORIZONTES

O Imperador está gravemente enfermo.

Esta é a verdade, disfarçem-a, embora, os medicos da imperial cámara e guardem, mesmo a respeito os membros do governo o mais absoluto silencio.

O poder supremo, estatuido por essa carta outhorgada, que é a base fundamental da nossa nacionalidade, pode, pois, de um momento para outro ter de passar a outras mãos

E d'envolta com essa transferencia lá vão todos os destinos, todas as aspirações e todo o futuro desta patria.

A successão cabe de direito a uma senhora, respeitável, com certeza, por muitos titulos pessoais, mas incapaz, por suas ideias acanhadas e retrogradas, geralmente conhecidas, de assumir a direcção dos negocios publicos nas temerosas emergencias por que está passando a nação a braços com gravissimos problemas que se vincula à sua propria independencia e à sua definitiva organisação.

Se a seu lado, ao menos, houvesse, prestigiado pelo affecto, um espirito superior, capaz de inspirar-a na difícil tarefa do governo, impellindo-a docemente para o caminho do interesse geral e do bem da nação, ainda haveria lugar de esperanças para os crentes da fé monarchica.

A casa de Orleans, porém, nunca produziu d'esses espiritos, e o que a historia refere, como conceito geralmente admittido, é que são insignes exploradores, avidos de cobiça e de mando todos os membros d'essa illustre familia.

A beatice e a avareza, taes serão, dentro em breve, os dois pólos em torno dos quaes deve gyrar todo o imperio.

Nos desvarios da credicice religiosa e no delírio das riquezas desmesuradas vai o imperio terminar, depois de mais de meio seculo de esterilidade e corrupção, a decomposição tenta, mas incessante que lhe mina o organismo desde a sua origem.

Estamos no começo do fin.

E qual será esse fin?

Tera sido tão profunda a gangrena monarchica que só tenhamos á esperar o esphacello, isto é, o desmembramento da patria, como certos symptomas já parecem querer indicar?

Ou, forças regeneradoras, até agora afastadas da actividade politica, surgirão potentes e victoriosas, remodelando toda a nossa organização social, sob uma forma mais apropriada à dignidade humana e ao espirito continental da America?

Mas onde estão estas forças?

A idéa republicana que, entre nós surgiu desde que a idéa de patria brasileira apareceu, resistiu, e não ha contestal-o, a todos os golpes, e tremendos foram, que a monarchia lhe vibrou.

Todas as armas foram manejadas: a força, o punhal, as balas primeiro, a perseguição, a fome e a corrupção, depois.

Mas os martyres que tombaram e os crentes que sofreram parecem que apuraram essa fé politica.

Até as traïções, operadas umas pela miseria, pelo suborno outras, fortificaram a idéia, depurando-a dos caracteres menos firmes e menos puros.

Se porém essa crença politica tem resistido a todo o trabalho systematico de seu exterminio e aniquilamento, não tem, todavia, podido por essa mesma razão tomar o desenvolvimento suficiente para, com assentimento geral, assumir de prompto os destinos do paiz.

E entretanto esta é a unica luz de salvação que scintilla nos horisontes entenebrecidos da patria.

Os patriotas devem estar a postos. E' preciso iniciar o grande movimento dos espiritos que precede sempre os grandes movimentos sociaes.

Metta-se hombros, sem demora, à tarefa gigante da reconstrução nacional, antes que os elementos sociaes, ainda validos, percam de todo a pouca vitalidade que ainda lhes resta.

O momento é decisivo.

Analyse-se o nosso tristissimo estado, desvendem-se aos olhos de todos as podridões do nosso corpo social, revolvam-se todas as nossas eternas miserias e sobretudo, aponte-se o futuro negro de incertezas e dôres que nos lhes espera.

A alma nacional ha de vibrar, e comprehen-dendo que a sua felicidade não pode estar adstricta a instituições caducas e exóticas sem fundamentos na razão, nem justificativa na sciencia; instituições que abateram-lhe os sentimentos até um egoísmo feroz e brutal e deturparam-lhe o carácter até quasi a passividade de automatos, a alma nacional lançará, despedaçados, para todo sempre os moldes estreitos que a opprimem e vibrará valente, americana, no grande concerto da liberdade que a civilisação celebra nas livres terras do nosso continente.

NEVROSE ESCRAVISTA

Não contará de certo a história da escravidão no Brasil uma página tão triste e humilhante, tão cheia de crimes e horrores como essa que estão escrevendo com o sangue dos escravos os negreiros nos últimos dias de reinado do Sr. D. Pedro II.

Será ella o fundo negro tenebroso do quadro brilhante da campanha abolicionista que tem sitiado nas últimas anfractuosidades do solo da pátria a ignominiosa prostituição servil.

Nem o largo domínio do tráfico africano, com tudo o que n'ele havia de hediondo e cruel, nem o extenso período dos grandes mercados locais e interprovinciais de escravos com todas as suas espécies, cada qual mais torpe ato da prostituição das mulheres pelos próprios senhores, que da respectiva diária viviam e enriqueciam; nada disto é comparável aos actos de ferocidade e cannibalismo que ora se praticam em todo o império contra as vítimas do grande attentado social.

Veio o governo Cotelipe, a suprema vergonha do actual reinado, abrir os diques à sanha negreira sopitada pela expansão abolicionista.

Declarando-se abertamente contra o abolicionismo, a reacção esclavocrata, tem-se exercitado e desenvolvido tão violentamente pelos poderes públicos e pelos poderes senhoriais que bem parecem os últimos arrancos da fera acossada, que não podendo tragar de uma só vez a sua presa, a estrangula e mutila com o furor próprio de sua natureza.

Desde que o imperador sancionava com a sua imperial rubrica a fraude ministerial contra a liberdade dos escravizados e a dignidade do município neutro no celebre regulamento Prado; desde que atento à senha negreira do governo a polícia imperial entendeu ser sua exclusiva missão perseguir deshumanamente os pobres escravizados e os suspeitos de o serem; desde que o poder judiciário, submettendo-se aos fazendeiros do ministério e de seus distritos, assassinava a apoitos, conculeava a lei de 31 e atropellava a liberdade; declarava-se em todo o paiz e especialmente no centro da monarquia, um S. Bartholomeu tremendo em que os miseráveis escravizados, os modernos huguenotes, conegaram e são impunemente suppliciados pelo modo que melhor apraz aos algozes e lhes inspira a sua bestial vingança de senhores.

Nada pode haver mais deprimente do nome e dos sentimentos do governo de um paiz que pretende tomar parte no congresso das nações civilizadas.

Terrível ironia do governo de um príncipe que se diz sabio, philosopho, magnanimo, mas cuja magnanimidade tem prolongado e prolongará o mais possível a escravidão em sua patria.

O coração dos homens bons não pode sofrer os abalos successivos de indignação, dó e pejo que lhe vibram as notícias quotidianas e multiplas de escravos immolados a essa nevrose negreira que o governo do imperador suscitou e alimenta com o seu apoio tacito ou expresso, porque é a satisfação de seus próprios instintos.

Estes atentados e perseguições selvagens contra os fracos e oprimidos, incapazes de resistir e reagir, são de uma cobardia monstruosa e mais monstruoso se torna o governo que os deixa sem repressão e os anima com a sua connivencia.

O ministerio Cotelipe subiu ao poder com o designio de ser um victimario da peior espécie; e a monarquia que aceita em holocausto victimas humanas e inermes lava contra si propria a mais infamante sentença condemnatoria.

Há de chegar, pois, o dia da justiça. Elle se approxima.

O desejo platonico, se não hypocrita, manifestado pelo imperador na Camara Municipal d'esta cidade parece não se realizará.

Receiamos que sua magestade ha de morrer

deixando sua pátria manchada pela escravidão e ouvindo os lamentos de cerca de 700 mil seres humanos sob os grilhões do captiveiro.

Sua magestade ha de morrer vendo os últimos dias de seu reinado cobertos do negro opprobrio d'essa montaria de seu governo e dos ciúmes truculentos dos senhores por elle tolerados contra os inocentes de tudo espoliados, até do direito de viver.

A maldição da história não poupará o governo reaccionário e escravista de sua magestade, nem tampouco o rei que não teve sequer o bom senso de nos últimos dias de vida resgatar seus erros e eternizar sua memória por um grande acto de coragem e humildade.

Siga, pois, o seu curso a nevrose escravista.

A IMPRENSA REPUBLICANA

IV

Este breve estudo traz d'envolta a dificuldade de expôr-se coa clareza assumtos complexos e de si muito vastos.

Prescindindo de fazer aqui o histórico dos partidos militantes e atendo-nos á distinção estabelecida precedentemente, havemos de notar que entre os funcionários do Estado e mesmo entre as pessoas de quaisquer classes existem algumas variantes digaas dos nossos reparos.

Em primeiro lugar, ha um grande numero de individuos que se julgam dispensados de nutrir ideias proprias. O facto de desempenharem esta ou aquella função inibi-los, em seu entender, de professar opiniões acerca de politica.

Vêm depois os que commungam os principios de seus chefes de secção ou superiores em hyerarchia.

Os que, por hereditariedade, abraçam o partido a cujo nucleo julgam que pertencem como moléculas de um só corpo.

Outros muitos que põem em almoeda as suas convicções, proclamando sempre as do melhor offertante ou licitador.

Os irresolutos, indolentes, sem feição própria, esquivos, relapsos, possuidos dos melhores desejos, mas sempre tardios em pronunciarse.

Por ultimo, aquelles que consigram culto ás personalidades, não pelas ideias que estas representam, porém sim em virtude de laços de amizade, favores recebidos, sympathias conquistadas, etc.

Feitas estas importantes reduções, convenhamos que ainda haja uma classe assaz numerosa dos que obedecem ao seu impulso natural e que optam pelas crenças que em boa fé consideram verdadeiras e legítimas.

E demasiado evidente que, possuindo elles um espírito regularmente perspicaz, não deixam de notar as mystificações dos partidos, liberal e conservador, os quaes incarnam as vezes aspirações opostas ao seu programma e reflectem em todo caso a anciedade com que lutam para refestelarem-se no poder com o unico fim de gosarem dos respectivos proveitos.

Influencias do meio, falta de conveniente discernimento para proceder a confrontos, deficiencia de educação e de sãs noções acerca das formas políticas, são empecilhos que atravancam a percepção clara e causam certa perplexidade e incerteza quanto á verdade genuina das cousas.

Se ha caracteres que se resintam d'esses inconvenientes, convém esclarecer os, doutrinalos e inocular-lhes a fé de que com o desaparecimento das actuais condições e ordem de interesses, raiará nova aurora e um reaascimento para a vida civil e política do paiz, d'onde resultará verdadeiro desvanecimento e orgulho de pertencermos a uma patria grandiosa e de inenarraveis venturas.

Parecerá termos em demasia restringido o campo de accão para a imprensa republicana;

esta opinião modificar-se-ha ao reflectir-se que uma propaganda bem nutrita não deixará de resigar n'uma ou outra das categorias acima mencionadas não poucos adeptos, convertidos e subjugados pelo prestigio e pelo ascendente que sóem exercer sobre as consciencias, os gloriosos princípios em que se estriba o dogma da justiça, igualdade e liberdade, fielmente interpretado.

PALAVRAS SINCERAS

De todas as condições deploraveis a que uma sociedade pode ver-se reduzida, a peior é sem duvida a descrença e o indiferentismo por tudo o que a rodeia.

Que governe Pedro ou Paulo, que digam isto ou aquillo d'ella, nada a commove nem abala da sua apathia.

Nós temos chegado a este ponto: preocupanos de preferencia um dito picante, uma contenda apimentada de insultos e invectivas, uma peça theatrical de moralidade dubia e mal velada, e pouco se nos dá que altos interesses se resolvam pelo disparate, nem que uma autoridade se exceda e commetta actos de vandalismo.

Aonde e quando se vio o povo concitar-se, affluir a um pento qualquer e clamor por seus direitos conciliados?

Aonde e quando surgiu o espirito da solidariedade que devia estreitar-nos a todos em bem do oprimido e do suppliciado?

Aguente-se cada um como puder e faça por evitar o escândalo, cujas consequencias chegarão quando muito a excitar o riso de seus semelhantes e a provocar a debandada dos que se julgavam amigos e interessados.

Eis a realidade nua e crua, em que pese aos privilegiados e gosantes da situação.

A imprensa cabia a missão de corrigir o pendor, que se apossou de nós todos, para um egoísmo torpe e cruel. Acontece, porém, que o jornal que se impuzer a tarefa de catechesar, moralizar, defender o fraco e vingar uma affronta, esbarra contra a gelida attitudde do publico; e se aquella tentativa visava a autoridade superior, tem além d'isso que suppor tar as chufas e apodos dos mastins governamentaes que desgraçadamente ainda acham guarida em diversas redacções, o que concorre não pouco em divertir a attenção dos leitores.

Se bem se observa a marcha das empresas jornalisticas, obtem maior successo a que mais se distingue pelo chiste, a pilheria e levianidade de propositos. Parece, na realidade, que uma vertigem colheu a maior parte dos órgãos de publicidade, cujo efeito é rivalisarem nas scenas mais grotescas e caricatas.

A culpa n'este caso não recae *in totum* sobre aquellas empresas, mas principalmente sobre a população que assim as deseja, protege e favoneia.

E porque não dizel-o? A nossa sociedade é um conjunto heterogeneo, insonte, desconnectado; um amalgama de seres que se repellem; a reunião fortuita de individuos sem affinidade nem assimilação; um concurso ou aglomeração de pessoas, as quaes, como em vasto amphitheatro, gosam dos incidentes da representação.

Os episodios que possam ocorrer poderão, por instantes distrahir os espíritos, fazel-os mesmo vibrar n'uma determinada modalidade; mas ninguém se julgará pessoalmente relacionado com seus efeitos, a menos que nominalmente chamado a manifestar-se. Fal-o-ha então com todas as chapas do estylo, repleto de bons sentimentos, ardorosos e patrióticos que, aliás, jamais pensará em tomar ao serio ou pôr virtualmente em accão.

Sociedade, composta de mercadores estrangeiros, cuidosos só do dia de ananhá, e de pensionistas do Erario, vulgo empregados publicos, não podia, de facto, apresentar outra face que não a da inconsistencia nos fins de ordem extrinseca á sua vida e evolução.

Moral e legalmente os empregados publicos acham-se vinculados a quem lhes transmite

seiva e subsistencia e qualquer pensamento contrario ao governo traduz um acto de rebelião que aquele pode no seu interesse pretender abafar. Assim tem-o entendido e feito toda a vez que se lhe ofereceu occasião.

Os estrangeiros, de seu lado, po dando tornar-se um poderoso elemento de progresso, só mostraram-se até hoje prejudiciais, infensos ao bem do paiz que os alberga, inertes para a obra da regeneração comunum; elles patenteiam sómente forças e tendencias sugadoras, esterilisantes; forças e tendencias que se isolam e fixam n'um unico ideal: o proprio bem estar, custe embora a vergonha e opprobrio da nação. Vivem pelas fibras sensitivas, com menorca de qualquer outro sentimento mais nobre e elevado.

Dírio que falta-lhes incentivo para procederem mais sensatamente. Esto é uma grande verdade.

Se o nosso enganecimento provém do mutuo concurso de todos, estrangeiros ou não, cumpría dar a estes toda latitude de direitos, inclusive o da participação nos negócios politicos. Actualmente elles só o adquirem, mendigando-o e praticando uma accão feia a que chram abjuração ou apostasia.

As desigualdades revoltam?

O desenlace das actuais condições importará o nosso esmagamento, quando não seja a duração indefinida de uma situação dolorosa, inqualificável, profundamente viciada e sem correctivo possível.

A QUESTÃO DE FORMA

Da mais valente e ilustrada folha republicana, d'entre quantas se publicam no Imperio, d'aquelle que mais notórios e assinalados serviços tem prestado á causa da república, pela profundeza de seus concetos, limpidez de sua linguagem e serenidade de seus juizos, da gloriosa *Federação*, de Porto-Alegre, extractamos o brillante artigo, em seguida estampado, que pulverisa, para todo sempre, uma objecção constitue dos nossos adversários.

Ao honrar as humildes columnas d'este periodico com labor de tão eminente collega, enviamos-lhe, de todo o coração, a mais sincera e profunda saudigão fraternal.

«Estariam livres de insistir mais uma vez sobre a questão de forma, se, sobre a significação d'esta palavra, não se tivesse estabelecido um trabalho pertinaz de corrupção.

A palavra forma não significa unicamente a disposição exterior das partes de um corpo e que constitue a diferença entre um e outro individuo, uma e outra especie, se bem que n'este sentido a forma não se possa comprehender senão intimamente ligada á essencia; significa tambem a maneira o modo por que se faz alguma cousa.

A controversia só se pode estabelecer, despradada a segunda significação, justamente aquella que nos deve preocupar porque — forma de governo — significa — maneira de governar.

E o que é mais notável é que, justamente aquelles que se dizem inclinados á república e que não fazem depender a sua aceitação senão o tempo á oportunidade, são os que jogam mais frequentemente com o velho sophisma: entre a república e a monarquia não ha diferença, a questão é somente de forma.

Pois seja de forma, mas temida a palavra no seu verdadeiro sentido — maneira pela qual os povos se governam.

A monarquia constitucional, sistema de transição entre os dois governos legítimos — a monarquia de direito divino, fundada na força, e a república, conquista da liberdade — acorda o dogma de que a soberania reside no povo, sendo, por consequencia, o poder uma delegação d'elle.

A monarquia de direito divino mais logica e mais sincera, tirando o seu poder de Deus e apoiando-se na força, governava sem fiscalização e, do exercicio do poder magestatico, concessão de Deus, reservava-se o direito de não prestar contas senão a elle.

Mas o poder espiritual, que era o seu maior apoio, perdeu por completo a influencia e a eficacia; a força pertencia aos dominadores que isso mesmo tiveram saber de um modo energico aos dominadores.

Morta a soberania que tinha a sua origem na Divindade, passou a soberania, conquista da liberdade, a pertencer a quem a tinha conseguido.

O poder soberano, não podendo ser função immediata de todos os cidadãos, é exercido por delegação.

Delegação não é renúncia; delegação implica temporariedade, facultade de revogar. Eis porque atacamos a legitimidade da monarquia constitucional, que explora o dogma revolucionário da soberania do povo e gosa dos proveitos da monarquia absoluta — a perpetuidade, a irrevocabilidade.

O mandato supremo nas modernas sociedades deve ser temporário, porque é preciso atender ao elemento mutável, aos novos interesses e porque é necessário, uma vez reconhecido o erro n'uma escolha, obviar-lhe os inconvenientes sem o doloroso recurso das revoluções.

Na monarquia, se o chefe supremo é mão, só lançando-se na luta fratricida pôde uma nação evitar o mal maior de continuar a se-selar o; na república, como o mandato é temporário, a questão resolve-se por uma eleição e não fica o indivíduo deposito como uma perpetua ameaça à tranquilidade pública, depois de ter sido uma calamidade social.

São cel-bres os pretendentes.

Mas, dissemos que a monarquia, a constitucional, porque a outra já ninguém tenta defender, é ilegitima.

Vamos proval-o.

Um povo exerce a sua soberania por intermédio da massa de cidadãos que se combinou em chamar o corpo eleitoral.

Notemos de passagem que os reis não são aclamados; quando morre um, é substituído pelo que elles chamam sucessor legítimo.

Mas concedamos a eleição, a eleição unânime mesmo.

Uma geração só pode tomar compromissos para si, e não pelas gerações futuras, logo o seu mandato tem de ser forçosamente temporário, do contrário ocorre às que lhe sucederem um dever de obedecer-lhos igual ao direito que ella tinha de tomar compromissos por quem não lhe tinha para isso dado poderes.

Mas a monarquia pressupõe a hereditariade e a perpetuidade, excedendo portanto os poderes do mandante.

Uma geração dura pouco; quando ella acaba, termina a legitimidade do depositario da sua confiança e a geração que lhe sucede, sem consulta, vai sempre soffrendo o jugo de uma família, que, de paes a filhos desfructa o poder supremo sem outro título além do acaso do nascimento.

Mas uma mesma geração, se reconhece que andou erradamente na escolha do primeiro magistrado e quer cassar-lhe os poderes, o que pôde fazer, se entregou-se completamente, se esses poderes são irrevogáveis?

Só pôde lançar mão do recurso violento das revoluções, o mesmo que têm as gerações seguintes.

A monarquia com os seus caracteres inseparáveis, hereditariade, irrevocabilidade, não se pôde casar com o princípio que a soberania pertence aos povos, os quais se sucedem por gerações com interesses mutaveis, contrários muitas vezes, interesses que exigem, para a paz indispensavel e para o trabalho de producção, o mandato temporário.

A república é a unica forma de governo em que a poder é um exercicio legitimo da soberania delegada.

Cada geração escolhe os seus mandatarios; pôde-se dizer que os povos governam-se pela livre escolha do chefe do poder executivo.

Na monarquia constitucional os povos são governados por quem não escolheram e que não tem por si mais do que a triste legitimidade do facto consumido.

Na república o poder soberano é delegado directamente e por tempo limitado.

Na monarquia ha a renúncia perpetua e irrevogável d'aquelle poder.

Uma é a conquista da liberdade; outra a conquista do sophisma.

Para os males de uma eleição infeliz ha uma nova eleição; para os males da abdicação da soberania, só a revolução.

A diferença é, pois, completa, tão grande como a que vai da corrupção da liberdade à sua posse definitiva, tranquilla e fecunda».

A NOSSA POLICIA

Toda a gente sabe como é mal feita a polícia d'esta corte. Toda a imprensa está cansada de reclamar contra a deficiencia, contra o deleixo, contra a pessima organisação, que a torna ridicula à força de ser impotente, e do grande desprestigio em que cahio, depois dos factos do Castro Malta e do entreacto burlescamente tragico da navalha escravista do Sr. Bastos.

Entretanto, o que ninguem imagina é a que ponto de incuria chegou este serviço publico, o de mais responsabilidade, o que mais critico exige dos seus funcionários.

Tomemos um ponto ao acaso para comprovar esta accusação. Seja o 1.º distrito do Sacramento.

Compõe-se este distrito de toda a área comprehendida entre a rua do Hospicio desde a das Ourives até o Campo de Sant'Anna; d'ahi até a rua do Visconde do Rio

Branco; esta rua até o Largo do Rocio; rua do Espírito Santo, Travessa da Barreira; Becco, Rua e Largo da Carioca; rua de S. José até a das Ourives, esta até a do Hospicio.

Como se vê, n'esta importante porção da cidade ficam localizados, quasi todos os theatros, a maior parte das casas do prostitutas e hospedarias de má nota, pontos dos boids, restaurants, joalheiros, casas de jogo e pontos de reunião de capoeiras, o empório, finalmente, da vida nocturna no Rio de Janeiro.

Pois bem, o policiamento d'este distrito é feito inalteravelmente por QUATRO soldados, tendo a respectiva estação, apenas outros TRES que n'ella pernoitam, fazendo a sentinela e mais serviços.

Diante d'este facto indesculpavel, d'esta verdade incontestavel, que se pôde esperar de segurança, contra os galunos, contra os desordeiros? Que se pode pedir a estes soldados, senão que se abstengan de acudir ao apito de socorro, com medo elles mesmos de succumbir, vencidos pelo força e pelo numero?

Por esta miseria escandalosa da nossa polícia, quem é o responsavel?

Ha entretanto policias para acompanhar ate as fazendas os negros fugidos, cuja caçada é um dos officios em que está mais aperfeiçoado o sr. chefe da polícia.

Outros escândalos ha, sobre que seria tardio e improficio o nosso reprehendimento.

A nossa polícia já não cõra facilmente. Embotou-se-lhe a consciencia ao contacto da navalha civilisadora.

E, se não, como se explica o procedimento do Sr. Emilio da Fonseca, prendendo dentro de sua propria casa, uma senhora, cujo único crime era ser esposa de um homem que despetraria as iras do sr. subdelegado?

Este emprego hoje assemelha-se em tudo ao de feitor de pretos. Como tal, é exercido conscientiosamente. O feitor-mór dá o exemplo, Figaro de refle e apito.

Ainda ha bem poucos dias deu-se o facto de ter sido preso em flagrante delicto de roubo de joias n'uma ourivesaria da Praça da Constituição, um individuo, cujo crime tinha sido, dias antes, revelado á polícia por um outro galuno preso, e a troço de sua liberdade.

Pois bem: preso o roubador, choveram os empenhos a favor do criminoso. Em resultado, foi o delicto classificado de *furto*; o preso deu fiança e passeia hoje pelas ruas da cidade.

E' irrisorio, é espantoso, mas é verdade. O sophisma sobre a classificação do crime teve os resultados mais propicios.

Até onde chegara esta desmoralização?

E para cumulo, advocacia administrativa até... na polícia.

A China tem os *coolies*, a Russia tem os, *moujichs*, o Brasil tem os brasileiros.

Vivam as instituições que felizmente nos regem!

SECÇÃO LITTERARIA

ESPECTRO DE BANQUO

Sempre em nossos festins, um traço de tristeza, Dos hymnos na harmonia, nota discordante, O gemer comprimido, o soluçar vibrante De quem de seus irmãos expulso foi da mesa,

E arrasta do captivo a sorte degradante, Os pesados grillhões e a frígida dureza; E, como da injustiça a vítima indefesa, Maldiz do sol da patria o brilho fulgurante

Crendo não ser a luz bastante intensa eviva, Pois que inda a treva oculta a muitos a verdade E não sente o oppressor a sua força activa

Nem alça olhos ao céo, nem vê a Humanidade, E qual novo Caim, de Satanaz conviva, Do irmão arranca a vida após a liberdade.

J. SIMÕES

MAYAR

— Sabes tu, eu quizera agora possuir o imperio do mundo para...

— O imperio do mundo?! Enlouqueceste?

— ...dar em troço de um sorriso.

— Tu desvairas. Vo'tas do theatre, com idéas de quem passou a noite n'uma orgia no Olympo.

— Zombas? Fazes bem. Dizes que eu venho de uma orgia? Acertaste. Embriaguei-me.

Estou ebrio ainda. Mas embriagado por um vinho louco... Tu ris? Ri, mas eu digo-te verdade. E' o vinho da loucura, o que me inunda o cerebro. Se tu a visses; dirias o mesmo que te eu digo.

— Mas repara em tuas palavras; não venho eu contigo, não te acompanhei, não a vi também?

— Não! Não! Tu oibaste, mas não viste. Tu nem sequer comprehendeste o desafio que nos foi atirado, eloquente, arrogante, vitorioso, um desafio de estrella.

— Ja nem te lembras? Viste-a descer. Descer até quasi tocar-nos. Viste-a frente a frente, olhos contra olhos, quasi chocando-se, triunfante, desapiedada e invulneravel. Viste-a ferir de perto, para melhor gosar da agonia de um combatente inerte. Viste o combate. Viste a victoria. Como te admirava de ver agora a loucura? Como não te lembras já? Porque zombas? E's um sceptico.

Tens razão. Enquanto a teu lado se passava este drama mudo, tu olhavas a sala repleta, escutavas o bulício da multidão, e talvez, anioso, esperavas o levantar do pano. Teus nervos já não vibram. E's um automato. E's uma ruina. Dize-me, quantas accões tomas para a grande companhia que se pretende estabelecer para cimentar de ouro o céo? Isto deve com certeza interessar-te. Espera-se que cada accão renda em trinta dias, douz milhões por cento!

— Não estas em meu juizo. Conversaremos amanhã. Dorme, que despertarás curado. Adeus.

E' assim o mundo. Um ri. Outro sonha. Nem vale a desculpa de quo o tempo ensina. Nem me convence dizer-se que o sofrimento é a aurora do scepticismo. Eu é que me rio então. Que extravagancia apontar a aurora da morte! E o scepticismo é um dos lados da morte. E o lado que tem vida. Quem poderá logicamente, com verdade, explicar este enigma de tantos séculos?

Ha perto de um mez que ouvi esta conversa e penso ainda em resolver o impossivel. Havia tal encanto, tão dolorosa paixão nas palavras d'aquelle creança, que eu senti involuntariamente um desejo impetuoso de procurar a verdade d'aquellas impressões.

Tinha ouvido um nome e mais do que as precisas indicações.

Fui tentar descobrir no intimo d'aquelles douz corações, a origem do gelo e da labareda. Tinha ante mim uma estatua e um vulcão. Que cataclysmo os produzira?

Tinha visto os effeitos. Fui ver a causa.

Era uma bella mulher, de lindo olhar scintillante, humido se fosse possivel tocal-o. Grandes olhos negros, quasi velados pela mais bella renda que eu já vi. E filtrando-se através dos longos cilios, que parecem elles mesmos luminosos, tem o olhar d'esta mulher um encanto fatal. Sentil-o sobre nós, quasi cogando-nos, se a fitamos, e não estremecermos, é impossivel. Não vi ainda olhar assim. Imaginae que uma estrella vos fita. Que vos persegue. Vós não a olhaes, mas sentis o calor amortecido, d'esta chamma distante. Imaginae agora que da estrella até vós se prolonga um largo rastro de luz, e que por esta escada olympica desce sobre vós um enxame de caricias, de beijos e de perfumes, imaginai-vos envolvidos por essa nuvem, que ella vos toca, que ella vos queima, e tereis uma pallida idéa do que é o olhar d'essa mulher.

Larga fronte suavemente inclinada, cabello s negros abundantes, nariz delicadamente tallado, rosto quasi moreno e levemente rosado, dentes que parecem pequenos blocos de neve chrystalisados, e uma boca divina, uma garanta e um collo, dignos do cinzel inspirado de Bernardelli, e eis as bellezas mais traduziveis d'essa mulher verdadeiramente bella.

Um sorriso adora vel, voz melodiosa, cheia de uma graça infinita, levemente accentuada, talhe franzino, de uma doçura de linhas, tão correcta, tão harmonica, que dir-se-ia que ella nasceu e desenvolveu-se, como uma flor, surgindo e desdobrando-se subtilmente, e eis esboçado, tanto quanto é possivel, o seu retrato.

Comprehendi a ardente paixão d'aquelle creança. Comprehendi, justifiquei aquelle amor insensato, sem esperanças e sem alegrias, solitario a revolver-se entre chamas no intimo de seu coração, como um deus louco, aprisionado pela fatalidade no cativ de uma flor. Comprehendi aquelle enthusiasmo, aquella expansão, aquelles desejos ardentes, sem nexo, desvairados, envolvidos n'uma vertigem abyssosa de esperanças. Comprehendi as lutas, os sonhos, as dores e as alegrias. Assisti pelo pensamento aquelle incendio. Vi cahir o raio, como um fluido luminoso, dos olhos d'ella, sobre aquelle coração quasi virgem. Tinha achado a causa da labareda. O vulcão estava-me patente.

Não tinha, porém, explicado senão a metade do mysterio. De onde viera o gelo? O outro, porque sentia frio ao contacto ardente das palavras do amigo. Seria possivel que a lava de um mesmo vulcão, cahindo, de um lado se transformasse em chamma, do outro se petrificasse em gelo?

Só hoje percebo todo o enredo d'este drama intimo, entre dous homens. Aquelle gelo encobria um montão de chamas, um ciume inaudito, um amor louco.

Aquelle gelo era uma mascara. A amisade tem d'estes sacrificios e d'estes sofrimentos.

E só agora eu imagino, estremecendo, que tortura horrorosa sofreria, rindo-se, aquelle homem, ao ouvir a descripção apaixonada d'aquelle amor, as esperanças, os ardores, o encanto infinito que produzira sobre seu amigo, os olhares d'aquelle mulher, que elle julgara terem sido só para elle!

Que tormento padeceria depois, ao saber das esperanças d'elle, do que fizera, do que tentava ainda fazer, até realizar o seu sonho!

Hoje já não existe entre elles este segredo. Procuraram ambos esquecer, um os seus dias de esperanças, outro os seus dias de inferno.

O gelo propagou-se. Adivinhou as brasas por sob os seus sorrisos frios. Estremeço ante aquelles douz sacrificios que se compensam; ante aquelles douz inimigos, quasi irmãos; mas leaes, sinceros, dignos um do outro.

Nem sempre aquelle que ri é o que sofre menos.

E. ARITA.

A REVOLUÇÃO

IV

Que repellente quadro o mundo hoje apresenta!

Mostra a venalidade a face auri-sedenta, impõe a corrupção e o mando da opulencia em poucos corações inda acha resistencia.

Calca-se aos pés sem dô o merito indigente, despreza-se o saber modesto, intelligente, que não vae alardear na praça aos ignorantes; e em quanto obscuro e pobre, ignaro entre os

[pedantes, morre o sabio na sombra em olvido inglorioso [so, ergue-se um altar de ouro ao charlatão ruidoso.

Dos serviços de agora o premio é o esquecimento: ao ancião que lidou, o olvido por momento, e dão-se as distinções a quem tem só dinheiro! Torpe devassidão subjuga o mundo inteiro. Honra, crônicas, dever, moralidade austera, justiça, rectidão, a luz da nova era, São meras tradições que o tempo vai perdendo:

no entanto as gerações consultam-se tremendo, e perguntam a si, se esta impudente orgia, sinistro martellar nas portas da anarchia, não trará apóz si, odiosa apparição, o sangrento fulgor d'uma revolução.

V

Olhae: lá no porvir a chamma vae crescendo, d'entre as sombras da noite o seu clarão tremando brilha como um fulgor de sanguinaria aurora. Luz indecisa ha pouco, e chamma viva agora encobre a face aos céus de avermelhado manto; scentellas mil e mil, incandescente pranto, Vem na estrada jorrar que o mundo já percorre. E' rapido o declive, e a humanidade corre!

FIM

SEÇÃO PEDAGOGICA

O PROGRAMMA OFFICIAL PARA 1887

Não se pôde contestar que os programmas para os exames gerais de preparatórios apresentam-se quasi sempre cheios de muitos inconvenientes, para não dizer defeitos e anomalias.

Uns, seguem o caminho da mais trivial rotina; outros, transformam-se n'uma chuva de termos empolados ou enigmáticos, antes pedantescas charadas propostas para pôr em prova a capacidade do professor e ser o terror dos estudantes.

O programma ultimo, para 1887, publicado em dias de Abril do corrente anno no *Diario Official*, pretende-se imbuir de uma especie de subalternização científica ou por outra de uma hierarchia pseudo-preparatorial.

O que, porém, torna-se característico é que na confecção numerica dos pontos haja uma inteira falta de connexão, que dir-se-hia proveniente de um ego que coprisse a esmo o programma do Imperial Collegio Pedro II.

Assim nos pontos de *geographia* trata-se primeiro do clima e sua influencia, etc. antes das cinco grandes divisões das terras; e nos de *historia* separa-se a — Origem do Christianismo do reinado de Augusto e a — Tomada de Constantinopla por Mahomet II — do ponto que diz respeito aos turcos ottomanos.

Nas outras matérias, a mesma deficiencia de vínculo methodico ou didactico.

E' realmente este um aspecto exquisito o de considerar a coordenação debaixo das formulas as mais incoordenadas!

Acrece que o programma alludido, restringindo a materia argutiva em certo numero de pontos e dando ao mesmo tempo ao examinador a mais ampla liberdade na arguição das generalidades, estabelece o nocivo precedente, o das sorpresas, ou antes o das perguntas de algibeira, onde se apavona a ignorância e se repõe o patronato.

Não desconhecemos quanto os conhecimentos das sciencias naturaes e da lingua alemaõ são uteis e devem fascinar aos nossos sapientissimos estadistas, mas julgamos de indiscutivel necessidade encarregar-se uma comissão organizadora de professores, que conhegam as vantagens e os inconvenientes de um programma, de preferencia a administradores—meros automatos talvez de uma burlesca e contradictoria pedagogia.

Ia, pois, urgencia de um programma, mas completo, que corresponda às verdadeiras aspirações da instrução publica, e duravel, pelo menos quinquenal, a fim de que possa haver consciente prepraro dos examinandos e para que o ensino secundario não se transforme em bazar sob a capa misericordiosa do patronato.

AIRY.

THEATROS

Realisa-se a manhã no Theatro Sant'Anna o beneficio do primeiro actor brasileiro Vasques.

Representa-se a comédia do Almizlo Azevedo — *Macuinhas e o sotão* e a cena comica, original do beneficiado — *Os Caçoeiros*.

Julgamos inutil recommendar a festa artística do actor mais estimado e mais popular que trabalha actualmente nos nossos theatros.

XXX

O Sant'Anna vae continuar as representações da applaudidissima — *Toutinegra do Templo*.

XXX

No Lucinda, o *Mercúrio* continua a sua brillante carreira. Em breve teremos a opera comica — *O Galo de Ouro*.

XXX

Na Phenix, duas peças que tem sido muito applaudidas — *Os milagres de Santo António* e *Há alguma diferença?*

XXX

No Recreio brevemente se representará a *Francillon*, de Dumas Filho. Por enquanto o macrobio *Condor do Monte Christo*.

XXX

No Príncipe foi representada a parodia *Sineta de Cordéil*. Um silencio tumular sucede às duas representações d'esta peça. Não sabemos a razão e portanto calmos-nos também, esperando as grandes novidades que se estão preparando n'este theatro.

VARIEDADES

RETRATO

Cara à Nazareno. Nariz que podia aboletar-se entre o grego e o aquilino, carnudo e bem pronunciado. Olhos mansos, pretos; inspiram confiança e revelam cordura. Testa sulcada de rugas, com ondulações que accusam originalidade e energia de carácter.

Porte senhoril; sempre affável, comunicativo, despido de vaidade, excepto no tocante à sua prosapia; pois é filho de um tenente-coronel da guarda nacional e jamais dependeu do governo.

A sua posição não offusca, nem suscita invejosos. E' no entanto insubstituível pelo delicado e melindroso de suas funções. Occupa-se da cobrança de jornaes, cargo espinhoso e superlativamente desco roçoante.

Meticuloso e severo na prestação de contas, incansável na peregrinação das ruas em romaria atraz de assignantes, a sua entrada na sala de redacção faz expandir os semblantes; ele é o tabaro de luz e vida; fero, fers, tuli, latum, ferre pecuniam!

Trago característico: republicano inconfesso; trahe-se pelo entusiasmo com que falla de Saldanha Marinho, Lopes Trovão e outros coríphæus da Democracia. Político até a medulla; esquece-se de toda a discrição, das horas, dos gritos do estomago, dos assistentes, para dar largas às suas expansões patrióticas d'onde transpira, poreja, fervilha um sentimento loução, vivo, energico, independente.

Outro traço: Aborrece a dobreza, o amanho, o jesuitismo, os manejos sordidos, velados e inconfessaveis. A candura de sua alma estende-se e comunica-se à sua conducta.

Veja-se o seguinte exemplo: Frequentava uma casa onde distinguia com o seu afecto nobre e franco a uma solteirona que ali se achava recolhida. Os oito lustres do nosso aspirantes não destoavam perante essas pretenções. Mas a fidalguia arithmetica de um intrus permitiu-se lavrar inventario e attestar a deficiencia dos recursos monetarios do namorado quarentenario. Horresco. Todas as pestes reunidas não lhe teriam inspirado maior nojo, nem dado melhores pernas para fugir.

PARA ADIVINHAR:

A primeira aos maçons bem conhecida — I
Stá n'um verbo a segunda traduzida — I

A MOSCA

Pacifico, o lavrado mais pacado de Serra-a-cima, possuia um dom especial: avistava um mosquito a dez metros de distancia.

Dispunha de um verdadeiro olhar de lyce.

Estando de passagem na Corte, e sendo dia da abertura do parlamento, determinou ir ver a cerimonia.

Os assistentes eram muitos; e só com dificuldade o agricultor conseguiu postar-se na entrada do recinto senatorial.

Começara a leitura da falla do throno...

O silencio era geral.

No entanto Pacifico, em consequencia da especialidade de sua vista, divisou uma mosca esvoaçando em circulo sobre o augusto leitor; e o importuno insecto, não satisfeito d'issò, veio descansar sobre o papel da leitura.

Um movimento brusco fez com que o díptero levantasse o vôo; e depois de uma viravolta veio pousar na imperial orelha, onde principiou a alisar as azas com os pesinhos e a se sacudir tanto que dir-se-hia mais desenvolta bayadeira sobre um magnifico tapete da Persia.

Um meneio de fronte fez o insecto revoar. Mas este não tinha terminado as suas evoluções acrobaticas.

Depois de um rapido e curvilíneo adejo, baixa o vôo sobre o braganino nariz, e sem mais cerimonia, começou uma especie de furioso sapateado.

Pacifico, que acompanhava attentosamente todas estas evoluções, contemplando a physionomia imperturbavel e caracteristica do leitor honorario e parlamentar, assim pensou:

'E' impossivel que não sintas!

E imaginando vivamente o prurido que devia experimentar aquelle que lia, desprendeu a mais franca e gostosa gargalhada.

Isto durou apenas alguns instantes; mas foi suficiente para que todos os olhares convergessem para Pacifico, que vexado levou o lenço aos labios.

Entretanto esta expansão innocent e hilariante fez com que os soldados lançassem brutalmente Pacifico fora do edificio do senado, sendo conduzido para a enxovia.

Somente vinte dias depois, voltava Pacifico à roça, graças à intervenção de um mandão de aldeia que garantira ser o roceiro o mais bonachão do imperio e o mais respeitador dos papos de lucano.

Mas, perguntou o politico da roça — sendo tão ordeiro, como foste preso?

— Que quer, Sr. coronel, a causa de tudo isto foi a mosca.

JACQUES ARTEWELDT.

ADVERTENCIA

Parte por estes dias para Minas o nosso co-religionario e companheiro de redacção, Sr. Eugenio Augusto Pinto, que apresentamos aos nossos collegas d'essa província, como nosso representante e com plenos poderes para tratar de todos os negócios concernentes a esta folha.

APPELLO

Aos nossos dignissimos assignantes das províncias pedimos a fineza de nos remetter a importancia de suas assinaturas.

E' desculpa a este nosso pedido, não contarmos nós com outro auxilio, para o bom andamento d'esta propaganda.

CONSULTAS

Dr. Julio Miniz, especialista de fribres, syphilis e molestias pulmonares; dá consultas das 12 ás 2 e attende a chamados a qualquer hora em sua residencia, à rua 7 de Setembro n. 239.

Dr. Lima e Castro, Lente de clinica cirúrgica da Faculdade de Medicina, cirurgião efectivo do Hospital da Misericordia. Faz todas as operações cirúrgicas. Consultorio à rua dos Ourives n. 68, de 12 ás 2 horas. Residencia à rua Marquez de Abrantes n. 44 A.

Dr. Moura Brazil, oculista. Consultorio: rua Sete de Setembro n. 1, de 1/2 hora ás 3. Residencia: rua de Guanabara n. 38.

Dr. Ed. Chapot Prevost, medico parteiro. Consultas das 11 ás 2. Consultorio e residencia: Ouvidor n. 77.

Dr. Maia Barreto, medico homeopatha. Consultas das 10 ás 2 em sua resid. rua da Quitanda n. 55.

Dr. Adolpho E. Teixeira Duarte, advogado. Rua da Constituição n. 6 (*Sobrado*).

ANNUNCIOS

LIÇÕES DE PIANO

A. Cardoso de Menezes

DÁ LIÇÕES DE PIANO

Recados na Redacção d'este periodico

ATELIER

DE

CAÑIZARES

Offerce ao respeitável publico retratos a óleo, crayon, decorações de templos, vistas de fazendas, etc., etc., tudo com a maior perfeição e a preços razoaveis.

40 RUA DE GONÇALVES DIAS 40
RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA THEATRAL

Collecção de peças de teatro que mais voga tem eito nos theatros da Corte e Províncias, editadas pela livraria Serafim.

83—Rua Sete de Setembro—83

RIO DE JANEIRO

BRAVAS, OPERAS COMICAS E OUTRAS PEÇAS DE GRANDE ESPECTACULO.

Peças de Arthur Azevedo

Falka, opera burlesca.....	18000
A príncipe das Cajueiros.....	18000
Abel, Helena.....	18000
A filha de Maria Angu.....	18000
A casadinho de fresco.....	18000
Jerusalem libertada.....	18000
Niniche.....	18000
A joia.....	18000
Gillette de Narbonne, opera comica em 3 actos.....	18000
A flor de Liz.....	18000
Por um tris coronel, proverbo em 1 acto.....	5500
Amor e annexos.....	5500
Uma vespere de Reis.....	5500

Eduardo Garrido

Bocacio.....	18000
Viagem à Iua.....	18000
O jovem Telemaco.....	18000
A Mascote.....	18000
Os sinos de Corneville.....	18000
Souliers d'oiro, peça fantastica em 3 actos.....	18000
Os Trinta Botões.....	5500
Por um tris.....	5500
Quasi que se pegam!.....	5500
Um alho.....	5200
O meu amigo banana.....	5200
A bengala.....	5200

Coração e Genio, drama familiar, pelo Dr. Iires Ferrião..... 18000

As duas orphãs, celebre e importante drama em 5 actos..... 18000

Aimee ou o assassino por amor, bello drama..... 18000

A Judia, notavel drama de Pinheiro Chagas..... 18000

A morgadinha de Val-flor, pelo mesmo.... 18000

Os Lazaristas, drama em 3 actos por Antônio Ennes..... 18000

A Est